

# Da caverna à cidade: a arte como expressão humana através dos séculos

ASSUNÇÃO, Anelyze Gross de  
SCHELLE, Gelson  
WALLAU, Géssica de  
KÜHL, Gracieli E. Schubert

TECNÓLOGOS



## INTRODUÇÃO

A arte, como forma de expressão humana, acompanha a história da civilização desde os tempos mais remotos. Apesar das diferenças de época, técnica e contexto, manifestações como as pinturas rupestres, o trabalho renascentista de Michelangelo na Capela Sistina e o graffiti urbano contemporâneo têm em comum a mesma essência: a necessidade de comunicar, registrar e incentivar reflexões por meio da imagem. Cidades como Cascavel, no Paraná, mostram como a arte de rua pode representar a identidade local, conectando o passado ancestral com a linguagem visual atual. Este trabalho propõe uma breve reflexão sobre a conexão entre essas três formas de arte que, embora separadas por milênios, se conectam na sua função social e simbólica.

## DESENVOLVIMENTO

As pinturas rupestres, encontradas em cavernas como as de Lascaux, na França, representam uma das primeiras tentativas humanas de registrar o mundo ao redor. Animais, cenas de caça e símbolos misteriosos revelam não apenas um modo de vida, mas também crenças e emoções dos povos pré-históricos. Essa arte primitiva não visava o "belo", mas sim o comunicativo e o espiritual, atuando como uma ponte entre o homem e seu ambiente.

No Renascimento, Michelangelo ampliou os limites da arte ao pintar o teto da Capela Sistina, no Vaticano. Embora inserido em um contexto religioso e altamente técnico, o artista também buscava traduzir mensagens profundas sobre a criação, o pecado e a redenção. Assim como os homens das cavernas, Michelangelo usou imagens para transmitir narrativas e emoções, porém com o suporte de uma cultura visual e filosófica muito mais elaborada. Ainda assim, o impulso criativo e simbólico permanece semelhante.

Figura 1 – Capela Sistina. Fonte: Getty Images via BBC



Por sua vez, o graffiti urbano resgata esse impulso ancestral da comunicação visual, agora adaptado ao espaço público das cidades. Um exemplo é a vibrante obra presente em Cascavel (PR), que incorpora símbolos locais como a araucária, a cobra cascavel e formas que remetem à Praça do Migrante e ao Trevo Cataratas. Com cores vivas e traços envolventes, a obra funde natureza, arquitetura e cultura local, revelando com sensibilidade a identidade da cidade de forma acessível e expressiva. Desde as cavernas pré-históricas até os salões renascentistas, a arte sempre narrou histórias — o graffiti segue essa tradição, reinventando-a com spray, concreto e a pulsação da vida urbana.

Figura 2 – Obra “CASCADÉLICO”, produzida pelo grupo de artistas GameX. Fonte: Acervo pessoal



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das diferenças de forma e contexto, a arte rupestre, as obras de Michelangelo e o graffiti urbano compartilham um propósito comum: evidenciar que a arte é uma constante na experiência humana. Cada manifestação artística, com sua linguagem própria, expressa os sonhos, os símbolos e as inquietações de seu tempo, mostrando que a necessidade de comunicação visual atravessa séculos e culturas. Em Cascavel, a obra selecionada em graffiti emerge como um ponto de conexão entre o tradicional e o contemporâneo, entre a identidade local e a linguagem global, reforçando a arte como um reflexo da condição humana e um meio de diálogo entre as gerações.

## REFERÊNCIAS

CAMPOS, Ricardo. *Grafite: arte da periferia urbana*. São Paulo: Annablume, 2010.

GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

LEITE, Márcia. *Arte Rupestre: os primeiros sinais de arte na história da humanidade*. São Paulo: Moderna, 2002.

ZUFFI, Stefano. *Grande Atlas da Arte*. São Paulo: Publifolha, 2007.